



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DELET



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

JOÃO VICTOR ALVES RODRIGUES

Promovendo Acessibilidade:

**Uma Investigação dos Avanços da Legendagem para Surdos e
Ensurdecidos no Brasil**

MARIANA/MG

Julho/2026

JOÃO VICTOR ALVES RODRIGUES

**Promovendo Acessibilidade: Uma Investigação dos Avanços da
Legendagem para Surdos e Ensurdecidos no Brasil**

Monografia submetida ao Colegiado do Curso de
Letras Tradução como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Letras –
Tradução, pelo Departamento de Letras do Instituto
de Ciências Humanas e Sociais da Universidade
Federal de Ouro Preto

Orientador: Professor Dr. José Luiz Vila Real
Gonçalves

MARIANA/MG

Julho/ 2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R696p Rodrigues, João Victor Alves.

Promovendo acessibilidade [manuscrito]: uma investigação dos avanços da legendagem para surdos e ensurdecidos no Brasil. / João Victor Alves Rodrigues. - 2026.
45 f.: il..

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Letras Tradução .

1. Surdos - Meios de comunicação. 2. Tradução audiovisual. 3. Tradução e interpretação. I. Gonçalves, José Luiz Vila Real. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 81`255

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

João Victor Alves Rodrigues

Promovendo Acessibilidade:

Uma investigação dos avanços da legendagem para surdos e ensurdecidos no Brasil

Monografia apresentada ao Curso de Letras Tradução da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Tradução

Aprovada em 30 de julho de 2026

Membros da banca

Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Adail Sebastião Rodrigues Júnior (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Cecília Rosas Mendes (Universidade Federal de Ouro Preto))

José Luiz Vila Real Gonçalves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/09/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Jose Luiz Vila Real Goncalves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/09/2026, às 08:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1187064** e o código CRC **C20A6F6D**.

Às comunidades surdas do Brasil, cuja luta por reconhecimento, acessibilidade e valorização linguística inspira este trabalho e reafirma a importância de uma sociedade mais inclusiva e plural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida, pela força e pela oportunidade de chegar até aqui.

À minha família, pelo apoio e incentivo constantes ao longo dessa trajetória, em especial à minha mãe, Zilmara, pelo amor incondicional, pelo acolhimento e por me fortalecer nos momentos de dúvida e dificuldade durante minha vida acadêmica.

Ao meu orientador, Professor José Luiz, pela paciência e valiosa orientação durante todo o processo, sendo fundamental ao me apresentar os caminhos da tradução acessível.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

Esta pesquisa busca apresentar os avanços da Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) no Brasil, com o objetivo de analisar a evolução dos principais parâmetros que orientam sua elaboração e sua contribuição para a acessibilidade audiovisual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-bibliográfico, com foco nos estudos de referência na área da tradução da Tradução Audiovisual Acessível (Araújo; Nascimento, 2002, 2011, 2017). A análise concentrou-se em três aspectos centrais da LSE: segmentação linguística, velocidade de exibição das legendas e identificação de sons e falantes. Os resultados demonstram que a evolução desses parâmetros favoreceu a compreensão das legendas e fortaleceu a LSE como instrumento de inclusão e garantia de acesso à informação. Conclui-se que, é necessário dar continuidade às pesquisas e ao aperfeiçoamento das práticas de legendagem, considerando as especificidades dos diferentes perfis linguísticos da comunidade surda e as transformações dos meios audiovisuais.

Palavras-chave: estudos da tradução; legendagem para surdos e ensurdidos; tradução audiovisual acessível; acessibilidade audiovisual.

ABSTRACT

This study presents the advances in Subtitling for the Deaf and Hard of Hearing (SDH) in Brazil, aiming to analyze the evolution of the main parameters that guide its production and its contribution to audiovisual accessibility. The research is a qualitative, theoretical-bibliographical study, based on key research in the field of Accessible Audiovisual Translation (Araújo; Nascimento, 2002, 2011, 2017). The analysis focuses on three central aspects of SDH: linguistic segmentation, subtitle display speed, and the identification of speakers and sound elements. The results indicate that the development of these parameters has improved subtitle comprehension and strengthened SDH as a tool for inclusion and for ensuring access to information. It is concluded that further research and continuous improvement of subtitling practices are necessary, taking into account the specific linguistic profiles of the deaf community, as well as the ongoing transformations in audiovisual media.

Keywords: translation studies; subtitling for the deaf and hard of hearing; accessible audiovisual translation; audiovisual accessibility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Árvore sintática de Karamitroglou

27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CpS Caracteres por segundo

L1 Primeira Língua

L2 Segunda Língua

Libras Língua Brasileira de Sinais

LSE Legendagem para Surdos e Ensurdidos

PPM Palavras por minuto

TAV Tradução Audiovisual

TAVa Tradução Audiovisual Acessível

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 OBJETIVOS	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL	14
2.2 PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES INTERNACIONAIS PARA OS ESTUDOS DE LSE	15
2.3 O DESENVOLVIMENTO DA LSE NO BRASIL	16
2.3.1 MARCOS LEGAIS DA LEGENDAGEM PARA SURDOS NO BRASIL	19
3 METODOLOGIA	21
4 ANÁLISE DE ASPECTOS RELEVANTES PARA A LSE	24
4.1 PROGRESSOS NA SEGMENTAÇÃO DE LEGENDAS	25
4.2 ANÁLISE DOS PARÂMETROS DE VELOCIDADE NA LSE	29
4.3 AVALIAÇÃO DOS RECURSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA LSE	33
4.4 . DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no ramo dos estudos descritivos da tradução, com o foco em aspectos da tradução audiovisual acessível no Brasil e seu impacto sobre o contexto sociocultural, a partir de um levantamento de trabalhos voltados para o tema da LSE nos últimos vinte anos. A pesquisa buscou identificar as principais contribuições da produção científica nacional para a consolidação dessa modalidade de tradução, analisando a evolução dos parâmetros técnicos e linguísticos que orientam sua elaboração, bem como as discussões acerca da recepção, da acessibilidade e das necessidades do público surdo e ensurdecido.

A acessibilidade comunicacional tem se consolidado como uma dimensão essencial para a inclusão social e cultural no Brasil, especialmente após o fortalecimento de políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência conforme fundamenta o artigo terceiro da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). Nesse cenário, a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) garante que pessoas com perda auditiva possam usufruir de produtos culturais, artísticos e educativos.

A produção acadêmica nacional sobre LSE tem crescido desde a década de 2010, com abordagens de parâmetros técnicos e recepção do público surdo até reflexões sobre cultura visual e políticas culturais, como apresentado em *Investigando Parâmetros de Legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil* (Araújo; Nascimento, 2011) e *A influência da segmentação linguística na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) em documentários televisivos* (Araújo; Vieira, 2017). Entretanto, ainda há lacunas quanto à sistematização dessas pesquisas e às implicações sociopolíticas da LSE para o direito pleno à cultura por parte desse público.

Nesse contexto, torna-se fundamental situar a produção brasileira em diálogo com estudos internacionais sobre legendagem e tradução audiovisual, os quais constituem a base teórica de grande parte das pesquisas nacionais e oferecem parâmetros consolidados para a análise da LSE, especialmente no que se refere à segmentação linguística, aos aspectos semióticos do texto audiovisual e às abordagens centradas na recepção. Textos de relevância como *The Semiotics of Subtitling* (De Linde; Kay, 1999), *Eye movements in reading: implications for reading subtitles* (Schotter; Rayner, 2012) e *Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de*

Traducción Audiovisual. (Hurtado, 2007) serviram de inspiração d'além mar para que as professoras Araújo e Vieira trabalhassem, a partir de então, suas pesquisas em tradução audiovisual acessível (TAVA).

Diante desse cenário, esta pesquisa propõe-se a desenvolver uma análise bibliográfica de estudos das duas últimas décadas sobre a Legendagem para Surdos e Ensurdidos no Brasil, com o objetivo de discutir os principais avanços teóricos do campo. Para tanto, busca-se identificar e classificar trabalhos de pesquisa relacionados com a LSE e acessibilidade, discutindo suas contribuições para o avanço da acessibilidade audiovisual e refletindo sobre o papel da mediação tradutória na garantia dos direitos culturais das pessoas surdas e ensurdecidas¹.

1.1 JUSTIFICATIVA

A ampliação do acesso à cultura, à informação e ao entretenimento para pessoas com deficiência sensorial constitui um desafio central nas sociedades contemporâneas, especialmente no contexto brasileiro, em que políticas públicas de inclusão ainda enfrentam entraves em sua implementação prática. Nesse cenário, a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) assume papel estratégico como instrumento de acessibilidade comunicacional e de promoção dos direitos culturais da comunidade surda, configurando-se não apenas como um recurso técnico, mas como uma prática social, ética e política.

Apesar do crescimento significativo da produção acadêmica nacional sobre LSE desde a década de 2010, ainda se observa a necessidade da ampliação/aprofundamento dos avanços teóricos do campo e da reflexão crítica sobre os impactos socioculturais da legendagem acessível no Brasil.

Diante dessa realidade, este trabalho justifica-se pela proposta de realizar uma análise bibliográfica crítica das principais pesquisas brasileiras sobre Legendagem para Surdos e Ensurdidos nas últimas duas décadas, contribuindo para a consolidação do campo da Tradução Audiovisual Acessível. Ao reunir e discutir as contribuições teóricas de autoras de referência, como Vera Lúcia Santiago Araújo e Patrícia Araújo Vieira, a pesquisa busca oferecer um panorama da evolução dos estudos sobre LSE no país, destacando seus avanços.

¹ Esse termo é utilizado de forma recorrente nos estudos da tradução audiovisual, especialmente a TAVA, mas que, comumente, nos Estudos Surdos, se utiliza essencialmente o termo “pessoa surda”.

O estudo apresenta forte pertinência social, uma vez que dialoga diretamente com as demandas da comunidade surda por acesso equitativo a produtos culturais e midiáticos. O trabalho reforça o papel do tradutor audiovisual especializado como agente de inclusão e transformação social, evidenciando a importância da formação técnica e ética desses profissionais.

A pesquisa também se justifica pela necessidade de fortalecer o diálogo dos estudos nacionais sobre acessibilidade audiovisual, integrando referenciais teóricos sobre segmentação, recepção, cognição e semiótica do texto audiovisual. Esse movimento contribui para a ampliação do repertório crítico da área e para a construção de práticas mais alinhadas às experiências perceptivas e linguísticas das pessoas surdas.

Por fim, ao discutir a dimensão política da tradução acessível e sua relação com marcos legais e políticas públicas, este trabalho pretende colaborar para o aprofundamento do debate sobre acessibilidade como direito fundamental, promovendo reflexões que alcançam o âmbito social e cultural.

1.2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral realizar uma discussão crítica dos estudos sobre a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) no Brasil, com o intuito de analisar os principais avanços dessa modalidade de tradução audiovisual acessível, apresentar os principais marcos legais que fundamentam o direito à acessibilidade e evidenciam a dimensão política da tradução acessível na garantia do direito à cultura, bem como refletir sobre medidas que possam contribuir para a ampliação do acesso à cultura, à informação e à arte pelas pessoas com deficiência sensorial.

Objetivos específicos

- Analisar a evolução dos parâmetros de segmentação, velocidade de exibição e identificação de sons e falantes na Legendagem para Surdos e Ensurdidos, a partir das pesquisas selecionadas, avaliando sua contribuição para a acessibilidade audiovisual e para a construção de sentidos pelas comunidades surdas.

- Identificar no referencial bibliográfico selecionado instâncias de práticas na elaboração de LSE que estejam alinhadas à cultura visual e às experiências perceptivas das pessoas surdas.

Além desta introdução, este trabalho está estruturado em três capítulos. No segundo capítulo, apresenta-se o referencial teórico, com a discussão dos principais conceitos relacionados à Tradução Audiovisual Acessível e à Legendagem para Surdos e Ensurdecidos, bem como os parâmetros que orientam sua elaboração. No terceiro capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, caracterizando seu delineamento e os critérios de seleção do corpus. No quarto capítulo, realiza-se a análise e discussão dos dados, com base nos estudos selecionados. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa ancora-se teoricamente na interface entre os Estudos da Tradução Audiovisual e os Estudos de Acessibilidade Audiovisual no Brasil como ocorre em *Audiovisual Translation: Subtitling*. (Cintas; Remael, 2007), *The Semiotics of Subtitling* (De Linde, Kay, 1999) e *O Processo de Legendagem no Brasil* (Araújo, 2002), que ampliaram a circulação de produtos audiovisuais e evidenciaram a necessidade de inclusão de públicos historicamente negligenciados. Nesse contexto, a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) emerge como uma das principais modalidades da Tradução Audiovisual Acessível.

2.1 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

A Tradução Audiovisual (TAV) é compreendida como um ramo dos Estudos da Tradução dedicado à análise e à prática tradutória de textos multimodais, nos quais diferentes sistemas semióticos como o verbal, visual e sonoro atuam de forma integrada. Em Araújo (2020), aspectos como (1) limitações técnicas, (2) sincronização, (3) segmentação textual e (4) recepção do público são abordados de forma descritiva, enfatizando a relevante contribuição desse estudo para a TAV.

O reconhecimento dessa modalidade tradutória como área de investigação consolidou-se em meados da década de 1990, acompanhando a expansão dos meios audiovisuais e a intensificação da circulação global de conteúdos. Nesse contexto, Yves Gambier, em *(Multi)media Translation: Concepts, Practices and Research*; (Gambier; 2001), argumenta que a tradução audiovisual deve ser compreendida como um processo de mediação intersemiótica, no qual o tradutor atua sobre múltiplos códigos simultaneamente, articulando linguagem verbal, imagem e som na construção do significado.

Os processos de estruturalização da TAV são aprofundadas por Frederic Chaume em *Film Studies and Translation Studies: Two Disciplines at Stake in Audiovisual Translation* (Chaume, 2004) e, posteriormente, em *Audiovisual Translation: Dubbing* (Chaume, 2012), onde o autor destaca que fatores como sincronização, limitações de espaço e tempo e a articulação entre imagem, som e texto orientam as decisões tradutórias. No âmbito da legendagem, *Audiovisual Translation: Subtitling* (2007), de Jorge Díaz-Cintas e Aline

Remael, demonstra que parâmetros como segmentação textual, velocidade de leitura e legibilidade influenciam diretamente a compreensão e a recepção das legendas pelo público.

2.2 PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES INTERNACIONAIS PARA OS ESTUDOS DE LSE

Os estudos sobre Tradução Audiovisual (TAV) e acessibilidade no contexto internacional constituem um eixo fundamental para a formulação teórica das pesquisas sobre Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) e audiodescrição, oferecendo modelos de análise, parâmetros técnicos que influenciaram diretamente a produção acadêmica brasileira. No campo da acessibilidade, a obra *Traducción y accesibilidad: Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos*, organizada por Catalina Jiménez Hurtado (2007), propõe uma ampliação do conceito tradicional de tradução, reconhecendo a legendagem para surdos e a audiodescrição para cegos como novas modalidades da Tradução Audiovisual. A obra enfatiza o papel social e ético da tradução enquanto prática de mediação cultural, orientada não apenas pela equivalência linguística, mas pelo direito de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. Nesse sentido, a LSE é concebida como uma prática que envolve a tradução de elementos verbais e não verbais, como sons, músicas e marcas paralinguísticas, exigindo decisões tradutórias fundamentadas na recepção do público-alvo.

Em relação aos aspectos de leitura de legendas, o capítulo *Eye movements in reading: Implications for reading subtitles*, de Elizabeth R. Schotter e Keith Rayner (2012), oferece contribuições ao relacionar pesquisas clássicas sobre movimentos oculares à leitura de legendas em contextos audiovisuais. Os autores demonstram que a leitura de legendas ocorre com restrições de tempo e atenção, uma vez que o espectador precisa dividir o processamento cognitivo entre texto escrito, imagem em movimento e trilha sonora. A partir da análise de fixações, sacadas e regressões oculares, o estudo evidencia que segmentações inadequadas e elevada complexidade textual aumentam o esforço de compreensão e comprometem o entendimento, reforçando a necessidade de parâmetros técnicos rigorosos na elaboração de legendas acessíveis, aspecto importantíssimo para a LSE.

Nessa perspectiva a obra *The Semiotics of Subtitling*, de Zoe de Linde e Neil Kay (1999), aborda a legendagem através da semiótica, entendendo-a como um processo de negociação entre diferentes signos que compõem o texto audiovisual. As autoras defendem que a legenda não pode ser analisada isoladamente, pois seu sentido emerge da interação

entre linguagem verbal, imagem e som. Essa abordagem é relevante para a LSE, uma vez que reforça a necessidade de integrar informações sonoras e visuais de forma coerente e funcional, o que garante a construção dos sentidos para espectadores surdos e ensurdecidos.

Dessa forma, as contribuições da literatura internacional e brasileira dialogam na construção dos fundamentos teóricos da legendagem acessível, articulando perspectivas voltadas à recepção, aos aspectos cognitivos, à mediação semiótica e à acessibilidade. Em conjunto, esses referenciais possibilitam compreender como parâmetros técnicos, escolhas tradutórias e demandas socioculturais e políticas se relacionam na elaboração da LSE, consolidando a acessibilidade audiovisual como um direito cultural e comunicacional.

2.3 O DESENVOLVIMENTO DA LSE NO BRASIL

A Tradução Audiovisual Acessível (TAVA) incorpora-se à tradução audiovisual, por sua vez considerando aspectos éticos, sociais e políticos relacionados ao direito de acesso à informação e à cultura. No que se refere especificamente à Legendagem para Surdos e Ensurdecidos, destaca-se *O Processo de Legendagem no Brasil* (Araújo, 2002), que descreve as etapas de produção profissional de legendas no país. Aqui são abordados aspectos como segmentação, sincronização, condensação textual e adequação ao ritmo da leitura; o trabalho contribui para a compreensão da legendagem não apenas como transposição linguística, mas como uma atividade multimodal que envolve técnica sobre os aspectos de imagem, som e leitura.

Na obra *Investigando parâmetros de legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil* (Araújo; Nascimento, 2011), as autoras discutem parâmetros importantes como a identificação de falantes, a indicação de sons relevantes e o uso de cores como forma de separação entre falas e efeitos sonoros. Esse estudo representa um avanço significativo ao deslocar o foco da legendagem convencional para a acessibilidade, reconhecendo as necessidades específicas do público surdo e ensurdecido e defendendo a padronização de parâmetros adequados à recepção desse público.

Ainda em 2011 o artigo *Questões terminológico-conceituais no campo da Tradução Audiovisual (TAV)* (Araújo; Franco, 2011) discute a terminologia e os conceitos que estruturam o campo da TAV. As autoras problematizam o uso de termos como “tradução audiovisual”, “legendagem”, “dublagem”, “audiodescrição” e “legendagem acessível”,

evidenciando a necessidade de precisão conceitual para a consolidação científica do campo. Esse trabalho auxilia o escopo da TAV no Brasil, além de reforçar a natureza interdisciplinar da área, que articula tradução, linguística, estudos culturais e tecnologia.

Posteriormente é criado o *Guia de Produções Audiovisuais Acessíveis* (Naves *et al.*, 2015) documento que representa um marco normativo e técnico ao reunir diretrizes para a produção de conteúdos audiovisuais acessíveis, incluindo LSE, audiodescrição e outras estratégias de inclusão. O guia sistematiza boas práticas, orienta produtores e tradutores e contribui para a institucionalização da acessibilidade como requisito fundamental na produção cultural e midiática. Além disso, reforça o papel do tradutor especializado em acessibilidade como agente central na promoção da inclusão.

Pesquisas com relevância mais específicas passam a se concretizar como no caso de *As onomatopeias na legendagem para surdos e ensurdecidos do filme Asterix et Obelix: Mission Cléopâtre* (Nascimento, 2016), que possui o intuito de investigar o papel das onomatopeias na representação sonora em legendas acessíveis, analisando como sons podem ser traduzidos em recursos linguísticos que preservem efeitos expressivos, humorísticos e narrativos. A análise evidencia a complexidade da tradução sonora na LSE e destaca a importância de escolhas lexicais adequadas para a recepção do público-alvo.

Nascimento amplia suas discussões na LSE em *Traduzindo sons em palavras nas legendas para surdos e ensurdecidos: uma abordagem com Linguística de Corpus* (Nascimento, 2017). A autora propõe uma análise empírica baseada em corpus para examinar padrões, recorrências e estratégias na tradução de sons. Esse trabalho representa um avanço metodológico relevante, ao integrar os Estudos da Tradução com a Linguística de Corpus, fornecendo evidências quantitativas e qualitativas para a formulação de parâmetros cientificamente fundamentados.

Outra abordagem relevante seria a explorada em *A Influência da Segmentação Linguística na Recepção de Legendas para Surdos e Ensurdecidos (LSE) em Documentários Televisivos* (Vieira; Araújo, 2017) que demonstram a relevância da segmentação linguística para surdos em conteúdos televisivos, especialmente em documentários. Este trabalho articula contribuições teóricas nacionais para a pesquisa e evidencia os avanços no campo da LSE no Brasil, sobretudo na consolidação de parâmetros técnicos.

Para complementar, Nascimento apresenta o artigo *Proposta de LSE para o curta-metragem Não abra jamais* (Pimentel; Nascimento, 2019), juntamente com Pimentel a aplicação prática dos princípios teóricos discutidos ao longo da década de 2010-2020 em filmes de curta metragem e como a identificação de efeitos de sonorização contribuem para

as comunidades surdas no momento de interpretar filmes do gênero terror/suspense, utilizando o Subtitle Edit,² programa regularmente utilizado para as produções de legendas acessíveis. Esse percurso demonstra a evolução dos estudos brasileiros sobre LSE: partindo da descrição dos processos técnicos da legendagem, avançando para a consolidação do campo, aprofundando investigações empíricas sobre LSE e culminando em diretrizes normativas e propostas aplicadas. Esse trajeto evidencia o amadurecimento científico da área e sustenta a relevância de pesquisas voltadas à qualidade, recepção e impacto social da legendagem para comunidades surdas. Esse trajeto evidencia o amadurecimento científico da área e sustenta a relevância de pesquisas voltadas à qualidade, recepção e impacto social da legendagem para comunidades surdas.

Entretanto, a consolidação da LSE no Brasil não pode ser compreendida apenas a partir do desenvolvimento acadêmico e técnico da área. Paralelamente à produção científica, foram estabelecidos dispositivos legais e normativos que reconheceram a acessibilidade comunicacional como um direito fundamental, aumentando a implementação de recursos acessíveis nos meios de comunicação e nas produções audiovisuais. Dessa forma, os avanços observados na pesquisa e na prática profissional da LSE estão diretamente relacionados a um conjunto de políticas públicas e marcos legais que contribuíram para institucionalizar a acessibilidade no país. Nesse contexto, torna-se necessário examinar os principais marcos que fundamentam e orientam a oferta da legendagem para essas comunidades no Brasil.

2.3.1 MARCOS LEGAIS DA LEGENDAGEM PARA SURDOS NO BRASIL

A consolidação da Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) no Brasil está diretamente relacionada ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas à acessibilidade e à inclusão social. Contudo, segundo o artigo *Acessibilidade: Barreiras e Soluções Leis e Panorama da Acessibilidade Web no Brasil* (Alves; Sacramento, 2019) a construção desse cenário não ocorreu de forma isolada. As discussões sobre acessibilidade comunicacional já vinham sendo desenvolvidas internacionalmente desde a década de 1990, período em que países como Canadá, Estados Unidos e Austrália iniciaram os primeiros trabalhos voltados à acessibilidade em ambientes digitais. Em 1998, os Estados Unidos instituíram a Section 508, legislação que determinava a oferta de conteúdos eletrônicos acessíveis nos órgãos federais,

² Disponível em: <https://www.nikse.dk/subtitleedit>

enquanto Portugal tornou-se, em 1999, o primeiro país europeu a estabelecer normas específicas sobre acessibilidade na Web. Em seguida, o Conselho Europeu ampliou essas iniciativas por meio do plano de ação e-Europe 2002, consolidando a acessibilidade como pauta internacional relacionada aos direitos das pessoas com deficiência.

Inserido nesse contexto global de reconhecimento dos direitos de acesso à informação e à comunicação, o Brasil passou a desenvolver, a partir dos anos 2000, um conjunto de legislações e normativas voltadas à eliminação de barreiras e à promoção da inclusão social. Embora a produção acadêmica tenha desempenhado papel fundamental na formulação de parâmetros técnicos para a legendagem acessível, foi a construção desse processo jurídico que possibilitou esse reconhecimento. Nesse sentido, a trajetória da LSE acompanha um movimento mais amplo de transformação social e legislativa, no qual o acesso à informação, à cultura e à comunicação passou a ser compreendido como condição indispensável para o exercício pleno da cidadania pelas pessoas com deficiência.

Mais especificamente em 2002, a Lei nº 10.436 reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas, fortalecendo o reconhecimento dos direitos linguísticos dessa população. Posteriormente, o Decreto nº 5.296/2004 reconheceu as leis de acessibilidade e ampliou a compreensão do conceito para além das barreiras físicas, incluindo os meios de comunicação e informação. Já o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei de Libras, passou a prever a utilização da legenda oculta em determinados contextos educacionais, representando um importante avanço para a acessibilidade. Outro marco relevante foi a Portaria nº 310/2006 do Ministério das Comunicações, que estabeleceu critérios para a implementação gradual da legenda oculta (closed caption) na televisão brasileira. A medida contribuiu significativamente para ampliar o acesso da população surda aos conteúdos televisivos, o fortalecimento dessa modalidade como direito humano ocorreu com o Decreto nº 6.949/2009, que incorporou às normas jurídicas brasileiras a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. O documento reconhece o acesso à informação e às tecnologias da comunicação como direito essencial, reforçando a responsabilidade do Estado e da sociedade na promoção da inclusão comunicacional.

No campo audiovisual, a Instrução Normativa ANCINE nº 116/2014 passou a exigir recursos de acessibilidade em obras financiadas com recursos públicos federais. Em seguida, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) consolidou a acessibilidade como condição indispensável para o exercício da cidadania, dedicando dispositivos específicos ao acesso à informação, à comunicação e à cultura. Em 2015, foi publicado o Guia para Produções

Audiovisuais Acessíveis (Naves *et al.*, 2015), documento que se tornou uma das principais referências técnicas para a elaboração da LSE no Brasil, reunindo orientações sobre identificação de falantes, representação de efeitos sonoros, segmentação textual e velocidade de leitura. Mais recentemente, a Instrução Normativa ANCINE nº 165/2022 ampliou as exigências de acessibilidade para a exibição cinematográfica, reforçando a obrigatoriedade de recursos como a LSE, a audiodescrição e a interpretação em Libras.

A evolução desses marcos legais evidencia uma mudança gradual na compreensão da acessibilidade no Brasil. Inicialmente relacionada à eliminação de barreiras, ela passou a ser entendida como condição essencial para o acesso à comunicação, à informação e à cultura. Nesse cenário, a LSE consolidou-se não apenas como um recurso técnico da Tradução Audiovisual Acessível, mas também como um importante instrumento de inclusão social e garantia de direitos.

3 METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, de caráter teórico-bibliográfico, configurando-se como uma análise bibliográfica crítica. O objetivo central é discutir os avanços da Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) no Brasil a partir da análise crítica de produções acadêmicas consideradas pioneiras e vigentes no campo da Tradução Audiovisual Acessível. Inicialmente, será feita a definição dos critérios de seleção e a constituição das obras analisadas. Posteriormente, serão identificados e analisados elementos como segmentação, velocidade de exibição das legendas entre outros conteúdos que sejam significativos para a composição da LSE.

O corpus³ da pesquisa é composto por artigos científicos e um guia realizado por autoras de referência na área, a saber: Vera Lúcia Santiago Araújo e Patrícia Araújo Vieira, selecionadas com base em critérios bibliométricos, tais como o número de acessos, citações e recorrência em bases acadêmicas, o que evidência o impacto e a relevância de suas produções no campo. Destaca-se que Vera Lúcia Santiago Araújo é reconhecida como pioneira dos estudos sobre LSE e acessibilidade audiovisual no Brasil desde sua obra *O Processo de Legendagem no Brasil* (2002), na qual a autora disserta sobre os desafios e as distinções entre legendas abertas e fechadas desde seu processo de segmentação e formatação nas telas. Patrícia Araújo Vieira, por sua vez, insere-se nessa tradição acadêmica como pesquisadora formada sob a orientação de Araújo, dando continuidade e aprofundamento às discussões teóricas e metodológicas por ela inauguradas como ocorre em *Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE): um estudo de recepção com surdos da região Sudeste* (2013), pesquisa desenvolvida por Araújo, Vieira e Monteiro. São apresentados os resultados de um estudo de recepção da LSE realizado com surdos da região Sudeste do Brasil. O estudo demonstra que a segmentação adequada das legendas exerce papel mais determinante para a compreensão do conteúdo do que a própria velocidade de apresentação do texto, evidenciando que a organização sintático-semântica das legendas é um fator central para a acessibilidade audiovisual. Esta pesquisa desempenhou um papel importante na formalização da Legendagem para Surdos e Ensurdidos, tal como é compreendida e aplicada na atualidade, contribuindo decisivamente para a consolidação da LSE como modalidade específica da tradução audiovisual acessível no contexto brasileiro.

A seleção dos textos considerou, assim, sua relevância teórica, impacto acadêmico e centralidade nas pesquisas sobre LSE no campo da tradução audiovisual acessível no contexto brasileiro.

³ Corpus aqui é utilizado não como elemento da área de análise de corpus, mas como objeto da pesquisa.

A metodologia consistiu, inicialmente, em um levantamento bibliográfico, realizado em bases acadêmicas como periódicos científicos (Google Scholar, Scielo e Periódicos CAPES), livros especializados, dissertações e guias com base no número de acessos dos mesmos. Com base nesses critérios, chegou-se a oito artigos e um guia especializado na constituição do corpus. Foram incluídos apenas materiais que tratassem diretamente do tema da tradução audiovisual com foco em acessibilidade e legendagem para surdos e ensurdecidos, garantindo alinhamento com o escopo da pesquisa. Outro aspecto que se mostrou relevante no momento de seleção textual foi o reconhecimento dos autores e das obras dentro dessa área do conhecimento, considerando critérios como número de citações, índice de impacto das publicações, recorrência em bases de dados acadêmicas e frequência de aparição em pesquisas bibliográficas. Por fim, optou-se por textos disponíveis integralmente e redigidos em português, inglês ou espanhol, garantindo, portanto, o acesso completo ao conteúdo. Em seguida, procedeu-se à leitura analítica das obras selecionadas, com vistas à identificação dos principais conceitos, pressupostos teóricos, metodologias empregadas e posicionamentos críticos adotados pelas autoras e autores.

De início, a busca resultou em um conjunto amplo de publicações. Em seguida, foi realizada uma etapa de triagem, na qual foram excluídos trabalhos duplicados, estudos que abordavam outras modalidades de Tradução Audiovisual sem relação direta com a LSE, publicações sem acesso ao texto completo e pesquisas cujo foco não contemplava os objetivos desta investigação. Constituiu-se para análise, apenas os estudos que discutiam diretamente a (LSE), seus parâmetros de elaboração, estudos de recepção, aspectos linguísticos ou questões relacionadas à acessibilidade audiovisual. Em seguida foi considerado o reconhecimento acadêmico das obras e de seus autores, para tanto, adotaram-se critérios como o número de citações, a recorrência das publicações na literatura especializada, sua frequência em revisões bibliográficas e o impacto exercido sobre pesquisas posteriores na área. Esses critérios permitiram identificar os estudos considerados referenciais para a consolidação da LSE no Brasil, justificando a predominância de trabalhos desenvolvidos por Vera Lúcia Santiago Araújo e pesquisadores vinculados ao seu grupo de pesquisa, cuja produção científica constitui uma das principais referências nacionais sobre o tema.

A etapa seguinte constituiu-se a leitura analítica das obras selecionadas, com o objetivo de identificar os principais conceitos, teorias, metodologias empregadas, resultados alcançados e posicionamentos críticos adotados pelos autores. Posteriormente, os dados obtidos foram organizados em eixos temáticos, definidos em consonância com os objetivos

específicos da pesquisa, permitindo estabelecer relações entre os estudos e compreender a evolução dos principais parâmetros da LSE no contexto brasileiro.

A análise foi estruturada a partir dos seguintes eixos temáticos:

1. Identificação dos aportes teóricos sobre LSE e acessibilidade;
2. Análise das principais contribuições das obras para o avanço da acessibilidade audiovisual;
3. Exame das discussões acerca dos marcos legais e das políticas públicas relacionadas à acessibilidade comunicacional;
4. Análise da evolução dos parâmetros da LSE, com ênfase na segmentação linguística, velocidade de exibição e identificação de sons e falantes;
5. Discussão do papel da LSE como modalidade de tradução audiovisual acessível na promoção do direito à informação, à cultura e à participação social das pessoas surdas e ensurdecidas.

4 ANÁLISE DE ASPECTOS RELEVANTES PARA A LSE

O presente capítulo tem o objetivo de iniciar a discussão quanto aos avanços da LSE, de acordo com o corpus selecionado, a partir de três categorias de análise consideradas relevantes operando dentro das principais características da legendagem para surdos e

ensurdecidos, visto que os parâmetros aqui expostos diferem dos padrões de legendas convencionais e que evoluíram de forma isolada com o intuito de melhor atender as pessoas dessa comunidade como visto em *Investigando Parâmetros de Legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil* (Araújo; Nascimento, 2011). Contudo, para analisar a efetividade dessa modalidade, é necessário a aplicação de critérios específicos que orientam sua elaboração, dentre os quais se destacam a segmentação, a velocidade de exibição e a identificação de sons e falantes.

Embora essa análise tenha se concentrado nesses três parâmetros centrais, reconhece-se que outros aspectos relevantes da LSE, como a legibilidade, a sincronização dos blocos textuais com a fala e o acompanhamento musical, também desempenham papel importante na construção da acessibilidade audiovisual. Contudo, tais elementos são aqui compreendidos como parâmetros satélites, ou derivados, uma vez que se articulam diretamente às categorias selecionadas. A legibilidade, por exemplo, relaciona-se à segmentação e à velocidade de exibição; a sincronização entre legenda e discurso oral integra as discussões sobre temporalidade e ritmo de apresentação; e a representação de músicas e demais elementos sonoros se insere nas reflexões sobre identificação de sons e organização das informações na narrativa audiovisual. Assim, optou-se por não tratá-los como categorias independentes, mas como componentes transversais já contemplados nas análises propostas, de modo a preservar o limite do corpus e a coerência metodológica do estudo.

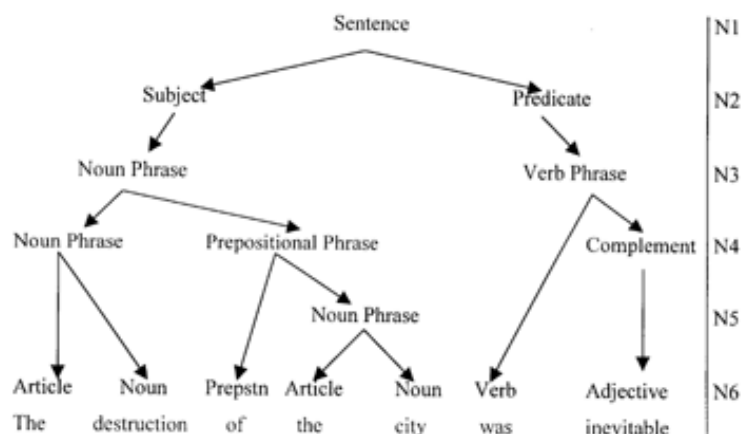
4.1 PROGRESSOS NA SEGMENTAÇÃO DE LEGENDAS

A primeira categoria refere-se à organização do texto legendado em unidades sintático-semânticas coerentes, respeitando limites linguísticos que facilitem a leitura e evitem ambiguidades: “A segmentação na legendagem está relacionada à distribuição do texto na tela e à divisão da fala dentro da mesma legenda (quebra de linha) ou entre legendas diferentes.” (Araújo, 2017, p. 1798). No contexto brasileiro, observa-se que, embora estudos iniciais sobre legendagem, como o de Araújo (2002), já abordassem aspectos técnicos da prática, o conceito de segmentação ainda não ocupava posição central nas análises. Em pesquisas pretéritas como *The Semiotics of Subtitling* (De Linde; Kay, 1999), esse conceito era abordado de forma ainda não aprofundada e de forma complementar a outros termos como “speech segment” e “discourse segment”. É sobretudo a partir do início dos anos 2000

que esse parâmetro passa a ser explorado de forma mais sistemática, conforme Díaz-Cintas (2007). Nesse sentido a segmentação passa a ser reconhecida como um elemento fundamental para o processamento cognitivo da informação. Entende-se que a necessidade de uma análise mais aprofundada deste conceito se deve ao fato de os artifícios que compõem a legendagem para as comunidades surdas implicarem a identificação de sons, falantes, vinhetas e recursos técnicos, que exigem mais espaçamento na tela, tornando desafiador o cumprimento de algumas normas que englobam a legendagem.

Uma boa segmentação favorece a legibilidade do texto, dessa forma a compreensão das informações não será comprometida. De acordo com Helene Reid em *Literature on the screen: subtitle translation for public broadcasting* “A segmentação linguística é a relação entre unidades semânticas que não podem ser separadas, sob pena de comprometer a leitura dos espectadores durante a recepção de programas audiovisuais legendados” (Reid, 1990, apud Araújo, 2017, p. 1802). Araújo mostra que a quebra de sintagmas pode gerar um “rompimento semântico”, comprometendo a dinâmica ocular da audiência entre a leitura da legenda e a visualização das imagens. Em discussões pretéritas, Karamitroglou (1998) aborda as segmentações utilizando o termo “Nodes” ou “Nós sintáticos”, contribuindo para a organização estrutural das legendas, atuando como uma estratégia para sintetização de orações dentro dos parâmetros de legendagem europeus. Para elaborar esse conceito, o mesmo ilustra uma “árvore sintática”, responsável por exemplificar 6 diferentes tipos de segmentações possíveis dentro de uma legenda, considerando “The destruction of the city was inevitable”, “A destruição da cidade era inevitável” como sentença.

Figura 1 - Árvore Sintática



Fonte: <https://translationjournal.net/journal/04stndrd.htm>

O autor sugere que em estruturas de legenda, os seguintes elementos são inseparáveis:

artigo + substantivo

verbo + complemento

preposição + objeto

Dessa forma, quanto maior o agrupamento da carga semântica, mais completa é a informação apresentada ao cérebro. Concretizando o nó N2 o mais apropriado:

“The destruction of the city

was inevitable.”

O sintagma nominal (artigo + substantivo) The destruction of the city, permanece na primeira linha, finalizando a primeira linha de pensamento. Por sua vez, o sintagma verbal (verbo + complemento): was inevitable, na segunda linha, finaliza a oração.

Em análises contemporâneas, percebe-se que a LSE diverge de uma legendagem convencional, assim como é discutido no *Guia de Produções Audiovisuais Acessíveis*:

Para os surdos e ensurdecidos, as legendas não seguem esse padrão. Elas, algumas vezes, são exibidas em três linhas ou mais, com uma densidade lexical que não permite que o espectador tenha tempo de harmonizar imagens e legenda, as quais também trazem a tradução do áudio e a identificação do falante. (Naves *et al.*, 2015, p. 42).

De acordo com o guia, as segmentações dessa modalidade adotam reduções de informações textuais que não comprometam a recepção das informações-chave e explicitação de informações sonoras depreendidas pelo canal auditivo. Durante essa abordagem a segmentação é dividida em três tipos, visual, retórica e linguística. A segmentação visual refere-se à alternância de textos conforme as transições de câmeras ou cortes de cenas. Nosso comportamento ocular antecipa o corte de cenas com a transição de legendas, caso o contrário ocorra e as legendas sejam as mesmas já exibidas anteriormente, enquanto uma nova imagem emerge na tela, levaremos mais tempo para reestimar que se trata do mesmo texto já mostrado previamente, ocasionando em uma releitura. Portanto se faz necessário que a exibição das legendas acompanhe as imagens. A segmentação retórica explora a distribuição do texto com a dinâmica de falas.

Assim como descrita no guia, ela deve ocorrer em blocos, e cada bloco de fala deve corresponder a uma nova legenda. A sincronização das falas com as legendas se mostra imprescindível neste tópico, uma vez que, a depender do gênero audiovisual que estamos legendando, os falantes possuem um discurso mais dinâmico, desafiando ainda mais as normas de segmentação. Outro tópico relevante configura-se nas flexões de interjeições como espanto, alegria, suspense etc. Esses marcadores necessitam da devida sincronia com o objetivo de evitar uma quebra de expectativa no receptor: “É importante, na segmentação retórica, que cada legenda só apresente novas informações no momento em que estas forem reverberadas pelos falantes ou pela trilha sonora, principalmente se for alguma informação relevante para o filme, como é o caso de segredos e revelações, e das músicas de suspense.” (Naves *et al.*, 2015, p. 49). A segmentação linguística dá seguimento às análises elaboradas por Karamitroglou e opera de forma concomitante com a velocidade de exibição das legendas: “A distribuição das falas em legendas deve ser feita por blocos, com base nas unidades semânticas e sintáticas, e deve reforçar a coesão e a coerência das legendas.” (Naves *et al.*, 2015, p. 49). Esta abordagem reforça a distribuição sintática entre as duas linhas da legenda, a considerar o número de ppm’s (palavras por minuto) e o número de caracteres dentro da oração, ambos os aspectos refletem no resultado da elaboração da segmentação. Essa modalidade afere questões como a separação dos sintagmas verbais, preposicionais, adverbiais, adjetivais e de orações subordinadas e coordenadas, expandindo os estudos de

Karamitroglou (1998). O manual também discute questões como a redução textual recorrente nesses tipos de legendagem e expõe tal necessidade pelo fato do ritmo de fala ser mais célere, em contraposição a velocidade da leitura (Naves *et al.*, 2015, p. 59).

Para melhor discutir os conceitos de velocidade de exibição das legendas e avançarmos para o próximo tópico, concluímos que a segmentação é uma preocupação historicamente presente entre estenotipistas e legendistas ao redor do mundo. Porém, com a chegada de modalidades mais específicas, que pudessem atender a outras comunidades, fez-se necessário que esses estudos sofressem uma ampliação de forma que a leitura pudesse ser mais satisfatória. Além disso, a crescente preocupação com o processamento cognitivo do espectador demonstra um amadurecimento da área, na medida em que a segmentação deixa de ser vista apenas como uma estratégia de organização textual e passa a ser entendida como um recurso fundamental para a mediação do sentido. No âmbito da LSE, essa evolução torna-se ainda mais relevante, considerando as especificidades do público surdo e a necessidade de equilibrar diferentes camadas de informação em um espaço e tempo limitados. Assim, os avanços observados na segmentação linguística refletem não apenas um refinamento técnico, mas também uma maior conscientização sobre o papel da legendagem como instrumento de inclusão, evidenciando a importância de abordagens cada vez mais integradas e orientadas à acessibilidade no campo da Tradução Audiovisual.

4.2 ANÁLISE DOS PARÂMETROS DE VELOCIDADE NA LSE

No que diz respeito à velocidade de exibição, esta se configura como um dos parâmetros centrais na elaboração da LSE, relacionando-se diretamente à capacidade de leitura e processamento da informação pelo espectador. A mensuração dessa velocidade pode ocorrer tanto em palavras por minuto (ppm) quanto em caracteres por segundo (CpS), dependendo da metodologia e do objetivo da análise. O uso das ppm é recorrente em pesquisas voltadas à recepção e acessibilidade, pois considera de maneira mais próxima o ritmo de leitura do espectador e a compreensão global do texto legendado. Já a métrica em CpS é amplamente utilizada no âmbito profissional da legendagem, especialmente em softwares e diretrizes técnicas de produção audiovisual, por oferecer maior precisão quantitativa na distribuição textual em tela, levando em consideração o número exato de caracteres exibidos por intervalo de tempo. Além disso, o CpS também é empregado em pesquisas sobre LSE, sobretudo em estudos mais recentes que buscam padronizar parâmetros técnicos internacionais e analisar de forma mais objetiva o impacto da densidade textual na

recepção das legendas. Dessa forma, ambas as medidas procuram equilibrar a quantidade de texto apresentada e o tempo disponível para leitura, ainda que partam de perspectivas metodológicas distintas. Aspectos já descritos anteriormente, como identificação de sons e falantes, também são incorporados nessa contagem, tornando ainda mais sensível a relação entre o tempo da leitura e a densidade textual da legenda. Dessa maneira, como abordado no fim do tópico anterior, a segmentação linguística caminha conjuntamente com o tópico presente, fazendo-se necessária a elaboração da redução textual da legenda de forma que não prejudique a coerência e a adequação das informações oferecidas.

De acordo com normas abordadas por Díaz-Cintas e Remael (2007), o padrão de legendagem europeu seguiu a padronização de seis segundos de exibição máxima para cada bloco de legenda, geralmente duas linhas, com velocidade de exibição de aproximadamente 145 a 150 ppm, contendo um total de 64 caracteres. Segundo Araújo e Nascimento (2011), as normas brasileiras são parecidas, porém disponibilizando um tempo de exibição de quatro segundos e não seis. Durante o início dos anos 2000, nota-se que a padronização em grande parte do mundo era considerar a normatização de 145 ppm em legendas convencionais, norma esta que já considerava aspectos como o tempo necessário para leitura das legendas, visualização das imagens e a escuta do áudio, relacionando assim todos os eventos necessários para que o receptor tenha acesso ao conteúdo de forma adequada, de modo que a redução textual se concretizava fundamental para a elaboração de uma legenda eficaz e favorável aos outros elementos que englobassem o conteúdo. Contudo no que diz respeito a LSE, essa padronização seguiu e segue uma narrativa diferente.

Em *Investigando Parâmetros de Legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil* (Araújo; Nascimento, 2011), as autoras analisaram três estudos de pesquisas exploratórias desenvolvidas na cidade de Fortaleza a partir do ano de 2003 (Franco; Araújo, 2003 [estudo 1]; Araújo, 2004 e 2004b, 2007 [estudo 2] e 2008 [estudo 3]), cujo objetivo era identificar a melhor padronização de legendas para as comunidades surdas do Brasil, utilizando como objeto de estudo as legendas em “pop-on” (as legendas aparecem completas de uma vez só na tela e depois somem para dar lugar à próxima, comuns em conteúdos gravados) e “roll-up” (as legendas são exibidas linha por linha, como se fossem sendo digitadas continuamente em transmissões ao vivo), ambas as modalidades presentes como funções externa em controles de televisores digitais. A primeira pesquisa foi realizada com a velocidade em 145 ppm, a segunda em 160 ppm e a terceira em 180 ppm. Visando analisar qual dos critérios utilizados se mostrou mais eficiente para os participantes, Araújo (2011) pontua que a expectativa era que a velocidade correspondente aos 145 ppm seria a mais confortável para os proponentes,

uma vez que a disposição da leitura abriria margem para a interpretação das imagens de forma concomitante. Contudo os resultados mostraram que todas as três velocidades (145, 160, 180 ppm) foram bem recebidas. O incômodo causado pelas legendas nos participantes se relacionaram a outras formas de padronização como a cor e disposição espacial das legendas na tela, em sua maioria, normas presentes nas versões europeias.

Contudo, é importante destacar uma limitação metodológica recorrente nessas pesquisas. Embora os estudos tenham sido conduzidos com participantes surdos e, em alguns casos, também com ouvintes, os perfis linguísticos dos proponentes nem sempre são descritos de forma detalhada. Não fica plenamente evidenciado, por exemplo, quais participantes possuíam o português como primeira língua (L1) ou segunda língua (L2), tampouco quais tinham a Libras como L1 ou L2. Essa informação é particularmente relevante, uma vez que o desempenho na leitura de legendas pode variar significativamente em função da trajetória linguística dos participantes, especialmente considerando que parte da comunidade surda brasileira tem a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua. Dessa forma, embora os resultados indiquem uma boa recepção para as três velocidades testadas, a ausência de uma caracterização linguística mais aprofundada dos participantes limita uma análise mais precisa sobre a influência dessas variáveis na compreensão e na preferência pelos diferentes parâmetros de velocidade.

Diante do exposto, observa-se que a velocidade de exibição das legendas na LSE não pode ser compreendida apenas como um parâmetro técnico fixo, determinado por limites numéricos previamente estabelecidos. Embora as normas internacionais e nacionais proponham valores de referência para a elaboração das legendas (Díaz-cintas; Remael, 2007), (Naves et al., 2015), os estudos de recepção desenvolvidos no contexto brasileiro (Franco; Araújo, 2003; Araújo, 2004, 2005, 2007, 2008; Araújo; Nascimento, 2011) demonstram que a compreensão do conteúdo legendado resulta da interação entre diversos fatores, tais como a segmentação linguística, a redução textual, a organização visual da legenda e a familiaridade do espectador com a língua escrita em questão. Além disso, a própria heterogeneidade linguística da comunidade surda brasileira evidencia a necessidade de considerar variáveis relacionadas às trajetórias educacionais e linguísticas dos participantes, especialmente no que diz respeito às relações entre Libras e português escrito.

Nesse viés, os resultados discutidos ao longo deste tópico apontam para uma transformação significativa na forma como a velocidade de exibição vem sendo concebida nos estudos sobre LSE. Em vez de ser tratada como um valor universal, aplicável a todos os contextos, ela passa a ser entendida como um componente integrado a um sistema mais

amplo de acessibilidade audiovisual, cujo objetivo principal é favorecer a construção de sentido pelo espectador. Tal perspectiva aproxima-se das abordagens contemporâneas da Tradução Audiovisual Acessível, que privilegiam evidências empíricas de recepção e experiências reais dos usuários em detrimento de prescrições exclusivamente normativas como visto em Araújo e Nascimento (2011), Teixeira, Araújo e Chaves (2017) e Vieira e Araújo (2017) . Assim, mais do que determinar uma velocidade ideal, as pesquisas analisadas contribuem para demonstrar que a efetividade da LSE depende do equilíbrio entre parâmetros técnicos e linguísticos, reafirmando a necessidade de práticas flexíveis, contextualizadas e orientadas pelas especificidades do público-alvo.

Um exemplo que demonstra com primazia essa flexibilidade seriam as análises de receptividade das LSEs para públicos com português como L2, em Caminhos do olhar: A movimentação ocular de espectadores surdos durante a exibição de vídeos legendados” (Teixeira; Araújo; Chaves, 2017). Foi realizada uma análise quantitativa com o auxílio do rastreador ocular Tobii TX300 e do software Tobii Studio 3.2.2, que investigou o comportamento visual de 16 participantes adultos, sendo oito surdos e oito ouvintes. Os participantes surdos apresentavam surdez pré-linguística, utilizavam a Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2), além de serem graduandos ou graduados. Os resultados demonstraram que tanto a velocidade quanto a segmentação linguística influenciam a leitura das legendas. As legendas exibidas a 180 ppm apresentaram menor tempo de processamento, enquanto as legendas mal segmentadas geraram maior esforço cognitivo, evidenciado pelo aumento da duração das fixações e dos movimentos regressivos. Os testes estatísticos confirmaram que a segmentação linguística exerce impacto significativo na recepção da LSE, influenciando inclusive a velocidade de processamento da leitura.

Os resultados demonstraram que, entre as velocidades avaliadas (145, 160 e 180 ppm), a de 180 ppm, correspondente à maior velocidade testada, apresentou o menor tempo de processamento pelos participantes. Esse resultado contraria a expectativa de que velocidades mais baixas favoreceriam necessariamente a compreensão, evidenciando que, quando articulada a uma segmentação linguística adequada, a maior velocidade investigada mostrou-se mais eficiente para o grupo de participantes surdos analisado. Os resultados demonstraram que, entre as velocidades avaliadas (145, 160 e 180 ppm), a de 180 ppm, correspondente à maior velocidade testada, apresentou o menor tempo de processamento pelos participantes. Esse resultado contraria a expectativa de que velocidades mais baixas favoreceriam necessariamente a compreensão, evidenciando que a eficiência da LSE não

depende exclusivamente da redução da velocidade de exibição, mas da interação entre diferentes parâmetros, especialmente a segmentação linguística. Assim, o estudo reforça que a definição da velocidade deve ser orientada por um conjunto de critérios técnicos e linguísticos que atuam de forma complementar na promoção da legibilidade e da compreensão das legendas. Dessa forma, quanto maior a carga informacional presente em um bloco de legenda, maior tende a ser a necessidade de adequação da velocidade de exibição, seja por meio da ampliação do tempo de permanência em tela, seja pela adoção de estratégias de condensação textual, um exemplo presente no Guia audiovisual (Naves *et al.*, 2015) reforça essa análise com a substituição da expressão “quando apareceu essa menina” por “quando surgiu essa menina”. Nesse caso, a alteração não reduz o número de palavras, mas diminui a quantidade de caracteres exibidos em tela, favorecendo o atendimento aos parâmetros de caracteres por segundo (CpS). O exemplo demonstra que a redução do enunciado pode contribuir para otimizar a leitura sem comprometer as informações essenciais da mensagem. Desse modo, a redução textual constitui uma estratégia de elaboração da LSE que busca compatibilizar a densidade do texto com o tempo disponível para leitura, preservando a coerência discursiva e a acessibilidade do conteúdo (Naves *et al.*, 2015, p. 59).

Sob essa perspectiva, a escolha dos limites de velocidade não pode ser dissociada das características do público receptor. Para espectadores com menor familiaridade com a leitura ou para surdos sinalizantes que possuem a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua, velocidades mais baixas associadas a uma segmentação cuidadosa e a uma redução textual mais eficiente tendem a favorecer a compreensão e diminuir a sobrecarga cognitiva. Por outro lado, públicos mais letrados ou com maior experiência na leitura de legendas podem apresentar maior tolerância a velocidades mais elevadas, desde que os demais parâmetros sejam respeitados. Assim, os valores utilizados pela prática profissional, como 145 ppm ou em CpS, devem ser compreendidos como referências orientadoras, e não como limites globalmente aplicados de forma rígida.

4.3 AVALIAÇÃO DOS RECURSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA LSE

Um dos parâmetros centrais na elaboração da LSE é a identificação de falantes e sons, responsáveis por distinguir essa modalidade da legendagem convencional. Enquanto essa última concentra-se prioritariamente na tradução do conteúdo verbal, a LSE busca ampliar o acesso às múltiplas camadas sonoras que compõem o texto audiovisual, possibilitando ao espectador surdo ou ensurdecido compreender informações que, em grande parte das produções, são transmitidas pelo canal sonoro. Nesse sentido, a identificação de falantes e de

efeitos sonoros não exerce apenas uma função complementar, mas assume um papel essencial na construção de sentido da narrativa audiovisual.

De acordo com Díaz-Cintas e Remael (2007), a LSE deve ser compreendida como uma modalidade de tradução audiovisual voltada não apenas para a transposição linguística dos diálogos, mas também para a mediação de informações sonoras relevantes ao desenvolvimento narrativo. Os autores destacam que músicas, ruídos, alterações na entonação da voz e sons ambientes frequentemente possuem função pragmática e dramática, sendo responsáveis pela criação de inferências como suspense, humor, tensão ou pela caracterização de personagens e espaços. Dessa forma, a ausência dessas informações comprometeria significativamente a experiência de recepção do público surdo.

No caso específico da identificação de falantes, sua relevância está diretamente relacionada à organização discursiva da narrativa. Em muitas situações, o enquadramento da câmera não revela imediatamente quem está falando, seja pela utilização de planos abertos, cenas de ação, diálogos em off ou mudanças rápidas de câmera. Quando isso ocorre, a inserção do nome do personagem ou de indicadores específicos torna-se necessária para evitar ambiguidades e garantir a compreensão adequada da interação verbal. Segundo Araújo e Nascimento (2011), a identificação correta dos falantes contribui para a autonomia do espectador surdo, reduzindo dificuldades interpretativas e permitindo um acompanhamento mais fluido do conteúdo. Em seus experimentos, os autores observaram que participantes conseguiram identificar adequadamente um narrador fora de cena quando este foi explicitamente indicado na legenda. Em contrapartida, a ausência de identificação legendada de uma personagem apresentada apenas por informação visual gerou confusão quanto à sua identidade e função narrativa, destacando a importância da explicitação dos falantes para a devida compreensão (Araújo; Nascimento 2011, p.10).

As normas de LSE geralmente orientam que a identificação do falante seja realizada por meio do uso de cores, posicionamento das legendas ou pela explicitação do nome do personagem antes da fala. Entretanto, as pesquisas brasileiras desenvolvidas por Franco e Araújo (2003), Araújo (2004, 2005, 2007 e 2008) demonstram que determinadas convenções adotadas em modelos europeus nem sempre são plenamente eficazes no contexto brasileiro. Em muitos casos, o uso excessivo de cores ou a alternância constante da posição das legendas pode gerar desconforto visual e dificultar a leitura. Dessa forma, observa-se que a adaptação dos parâmetros internacionais às necessidades do público brasileiro constitui um aspecto fundamental para a elaboração de uma LSE mais acessível.

Além da identificação de falantes, a descrição de sons e efeitos sonoros representa outro elemento indispensável na construção da acessibilidade audiovisual. Conforme discutem Díaz-Cintas e Remael (2007), os sons presentes em uma obra audiovisual não possuem apenas função ilustrativa, mas frequentemente carregam informações narrativas essenciais. O som de passos, uma porta se abrindo, uma explosão, o toque de um telefone ou mesmo a presença de silêncio repentino podem antecipar acontecimentos, indicar mudanças de ambiente ou revelar estados emocionais dos personagens. Assim, a LSE precisa selecionar quais informações sonoras devem ser verbalizadas na legenda, considerando sua relevância para a compreensão da narrativa.

Segundo o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (2015), a identificação de sons na LSE deve priorizar informações que contribuam efetivamente para o entendimento da narrativa, evitando descrições excessivamente detalhadas ou redundantes. Dessa maneira, recomenda-se que os efeitos sonoros sejam apresentados de forma objetiva e clara, geralmente entre colchetes, como em “[telefone tocando]”, “[música triste]” ou “[porta batendo]”. Tal estratégia permite ao espectador reconhecer rapidamente o evento sonoro sem comprometer o fluxo da leitura. Os resultados de Araújo (2011) corroboram essa orientação ao demonstrarem que determinadas legendas de identificação sonora contribuíram diretamente para a compreensão da narrativa, como no caso da indicação de passos por meio da legenda “[Arrastar de chinelos]”, que permitiu a um participante compreender uma ação importante para o desenvolvimento da história. Por outro lado, sons descritos de forma mais genérica ou com função predominantemente simbólica como “[música de suspense]”, “[música dramática]”, “[vento uivando]” ou “[silêncio]”, exemplos recorrentemente presentes na LSE e que no estudo de Araújo nem sempre foram compreendidos pelos participantes, sugerindo que a eficácia da identificação sonora depende não apenas da presença da informação, mas também de sua relevância narrativa e contextual.

Outro aspecto relevante refere-se à tradução de elementos musicais. A música desempenha papel fundamental em diversas produções audiovisuais, contribuindo para a construção da atmosfera emocional das cenas e para a transmissão de significados culturais. Nesse contexto, a legendagem de manifestações musicais tradicionais exige atenção especial por parte do legendista. Um exemplo é a legendagem dos cantos de congado, amplamente presentes em diferentes regiões de Minas Gerais. Nesses casos, a simples utilização de descrições genéricas, como [música de congado], pode não ser suficiente para transmitir a riqueza cultural e contextual da manifestação. Assim, a identificação mais específica dos cânticos torna-se essencial para favorecer a compreensão do espectador e preservar aspectos

culturais relevantes da obra audiovisual. A LSE frequentemente incorpora indicações sobre o tipo, ritmo ou intenção da música apresentada. Conforme apontam Díaz-Cintas e Remael (2007), expressões como “[música suave]”, “[rock agitado]” ou “[música tensa]” auxiliam o espectador surdo a compreender o impacto emocional pretendido pela obra. Contudo, assim como ocorre com outros efeitos sonoros, a descrição musical deve ser realizada de maneira equilibrada, evitando excesso de informações que possam sobrecarregar a leitura.

As pesquisas brasileiras sobre LSE também evidenciam que a recepção dessas informações varia conforme os hábitos culturais e as preferências do público-alvo. Araújo e Nascimento (2011) observam que espectadores surdos brasileiros frequentemente valorizam legendas mais objetivas e visualmente organizadas, priorizando clareza textual e estabilidade visual. Nesse sentido, a eficácia da identificação sonora e dos falantes não depende exclusivamente da presença dessas informações, mas também da forma como elas são integradas ao conjunto da legenda.

Diante disso, percebe-se que a identificação de sons e falantes ultrapassa uma dimensão meramente técnica, constituindo um mecanismo fundamental de acessibilidade e mediação narrativa. Esses elementos permitem que o espectador surdo tenha acesso não apenas aos diálogos, mas também às nuances sonoras responsáveis pela construção estética e emocional da obra audiovisual. Assim, a LSE amplia significativamente as possibilidades de recepção do conteúdo, aproximando a experiência do público surdo daquela vivenciada por espectadores ouvintes.

4.4 . DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No contexto da (LSE), o principal objetivo é garantir o acesso das pessoas surdas e ensurdecidas às diversas camadas de significado presentes nas obras audiovisuais, articulando informações verbais, visuais e sonoras em uma experiência acessível e coerente. Considerando essa perspectiva, este capítulo propõe uma discussão dos resultados apresentados nas análises anteriores, buscando verificar em que medida os avanços identificados nos estudos desse campo contribuíram para o aprimoramento dos parâmetros de acessibilidade. Além disso, pretende-se refletir sobre se tais avanços são suficientes para promover o acesso efetivo daquelas pessoas aos processos de construção de sentido característicos da natureza intersemiótica do texto audiovisual.

Contudo, ao discutir a efetividade desses avanços, faz-se necessário reconhecer a heterogeneidade da comunidade surda. Embora a LSE represente um importante recurso de acessibilidade, ela não atende de forma homogênea a todos os seus usuários. Como apontado pelo professor surdo Gabriel Franca do Couto, do Departamento de Letras da UFOP, consultado durante a elaboração desta pesquisa,

As legendas são muito importantes para pessoas ensurdecidas e para surdos não sinalizantes, que geralmente utilizam mais a língua portuguesa escrita. No meu caso, uso legendas, mas nem sempre compreendo tudo, porque o português não é minha primeira língua e não tenho o mesmo domínio que tenho da Libras. (Gabriel Franca de Couto, comunicação pessoal, WhatsApp, 11 junho de 2026).

Dessa forma, a efetiva acessibilidade audiovisual não depende exclusivamente do aprimoramento dos parâmetros da LSE, mas da coexistência de diferentes recursos acessíveis, especialmente da combinação entre legendas e interpretação em Libras, de forma a contemplar os distintos perfis linguísticos presentes na comunidade surda.

Essa questão se torna ainda mais relevante quando observamos estudos de recepção que envolveram participantes surdos explicitamente caracterizados como usuários de Libras e leitores de português como segunda língua. Em Caminhos do olhar: a movimentação ocular de espectadores surdos durante a exibição de vídeos legendados (Vieira; Araújo; Chaves, 2017), todos os participantes surdos apresentavam surdez pré-linguística, utilizavam a Libras como primeira língua (L1), o português escrito como segunda língua (L2) e possuíam ensino superior completo ou em andamento. O experimento empregou rastreamento ocular (eye tracking) e foi estruturado a partir de um desenho experimental em quadrado latino, no qual todos os participantes assistiram a quatro vídeos em diferentes condições experimentais. Foram manipuladas duas variáveis independentes: a velocidade das legendas (145 ppm e 180 ppm) e a segmentação linguística (boa ou má), resultando em quatro condições de exibição: legendas lentas e bem segmentadas (LBS), lentas e mal segmentadas (LMS), rápidas e bem segmentadas (RBS) e rápidas e mal segmentadas (RMS). Para a análise, foram consideradas apenas legendas de duas linhas, permitindo controlar as variáveis investigadas e comparar os efeitos da velocidade e da segmentação sobre o comportamento ocular dos participantes.

Os resultados demonstraram que tanto a velocidade quanto a segmentação linguística influenciaram significativamente o comportamento ocular dos participantes. Embora as legendas em velocidade rápida (180 ppm) tenham apresentado menor tempo médio de processamento, as análises estatísticas indicaram que a velocidade, isoladamente, não foi o principal fator responsável pelo conforto de leitura. O efeito mais expressivo foi observado na

interação entre velocidade e segmentação linguística, evidenciando que legendas rápidas e bem segmentadas (RBS) proporcionaram menor duração das fixações, menor tempo de processamento e menor duração dos movimentos regressivos, enquanto legendas mal segmentadas aumentaram o esforço cognitivo durante a leitura. Assim, o estudo conclui que a recepção da LSE depende da articulação entre diferentes parâmetros técnicos e linguísticos, e não apenas da velocidade de exibição, reforçando que uma velocidade mais elevada pode favorecer a leitura desde que seja acompanhada de uma segmentação sintática adequada.

No que se refere à segmentação, observou-se uma evolução conceitual que a desloca de uma função meramente estrutural para um elemento diretamente relacionado à recepção e ao processamento cognitivo das legendas. Os estudos analisados demonstram que a distribuição do texto em unidades sintáticas coerentes favorece a legibilidade, reduz ambiguidades e contribui para uma experiência de leitura mais fluida. Nesse sentido, a segmentação deixa de ser compreendida apenas como um aspecto técnico da elaboração de legendas e passa a ser reconhecida como um fator determinante para a construção de sentido pelo espectador surdo. Os avanços na compreensão das segmentações visual, retórica e linguística evidenciam uma preocupação crescente com a integração entre texto, imagem e som, aspectos fundamentais para a acessibilidade audiovisual. Além disso, as pesquisas de recepção desenvolvidas no contexto brasileiro como (Vieira; Araújo, 2017) e (Araújo; Vieira; Assis, 2020); forneceram evidências empíricas de que a organização inadequada das quebras de linha pode comprometer a compreensão do conteúdo, mesmo quando outros parâmetros, como a velocidade de exibição, por exemplo, encontram-se adequados. Dessa forma, verifica-se um avanço significativo no entendimento da segmentação como mecanismo de mediação entre os diferentes sistemas semióticos presentes na obra audiovisual.

Embora os resultados apontem para um amadurecimento consistente da área, a efetividade desses avanços ainda depende de sua incorporação às práticas profissionais de legendagem. A existência de parâmetros mais refinados e de pesquisas voltadas à recepção demonstra que a literatura especializada já oferece subsídios suficientes para a produção de legendas mais acessíveis, assim como visto no Guia de produções audiovisuais (Naves *et al.*, 2015) e em (Araújo; Nascimento, 2011). Entretanto, a aplicação desses conhecimentos nem sempre ocorre uniformemente nos diferentes contextos de produção audiovisual. Assim, pode-se afirmar que os avanços observados contribuíram significativamente para ampliar o acesso das comunidades surdas e ensurdecidas às narrativas audiovisuais, mas sua efetividade plena permanece condicionada à adoção sistemática desses parâmetros pelos profissionais e instituições responsáveis pela produção de conteúdos acessíveis.

Portanto, a existência de parâmetros mais refinados e de pesquisas voltadas à recepção demonstra que a literatura especializada já oferece subsídios suficientes para a produção de legendas mais acessíveis. Contudo, a aplicação desses conhecimentos nem sempre ocorre de forma homogênea nos diferentes contextos de produção audiovisual. Além disso, a própria noção de efetividade deve considerar os diferentes perfis linguísticos das comunidades surdas e ensurdecidas. Conforme observado também no depoimento do Professor Gabriel Couto,

É parecido com uma pessoa dos Estados Unidos que mora no Brasil. Ela pode saber português e até usá-lo no dia a dia, mas muitas vezes prefere assistir a filmes com legendas em inglês, porque é sua primeira língua e oferece mais conforto linguístico. Com muitos surdos sinalizantes acontece algo semelhante: mesmo utilizando o português escrito, a Libras continua sendo a língua de maior fluência, naturalidade e compreensão. (Gabriel Franca de Couto, comunicação pessoal, WhatsApp, 11 junho de 2026).

Nesse sentido, os avanços observados na LSE contribuíram significativamente para ampliar o acesso às narrativas audiovisuais, mas sua efetividade plena permanece condicionada não apenas à adoção sistemática desses parâmetros pelos profissionais e instituições responsáveis pela produção de conteúdos acessíveis, mas também à oferta complementar de outros recursos de acessibilidade, como a interpretação em Libras, garantindo uma experiência mais abrangente e adequada às diferentes necessidades comunicacionais do público surdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os avanços da LSE são evidentes, assim como ocorre em vários ramos dos Estudos da Tradução. Porém se trata de um processo que não deve ser tratado como concluído; ao contrário, a natureza dinâmica dos produtos audiovisuais, das tecnologias de acesso e das próprias demandas sociais exige que a LSE seja continuamente investigada e aperfeiçoada, uma vez que essa categoria de legendas deve ser constantemente ajustada ao seu público alvo, a fim de torná-la adequada considerando as especificidades de pessoas surdas sinalizantes, surdos oralizados, surdos pré-linguísticos, indivíduos com perda auditiva adquirida e, em determinadas situações, pessoas com deficiências cognitivas ou outras condições que também se beneficiam dos recursos da legendagem acessível. Assim, o aprimoramento contínuo da LSE deve estar fundamentado em pesquisas empíricas, no diálogo permanente com seus usuários e na atualização constante de seus parâmetros técnicos e linguísticos, garantindo que esse recurso permaneça efetivo na promoção da acessibilidade,

da inclusão e da participação cultural em condições de equidade. Além disso, o crescimento das plataformas de streaming e da televisão sob demanda amplia ainda mais a necessidade de desenvolvimento contínuo da LSE.

Ferramentas como Inteligências artificiais e sistemas automatizados como os de identificação de fala, apresentarão novas possibilidades para a elaboração de legendas, fazendo-se necessária a pós-edição de profissionais devidamente formados para assegurar a precisão linguística posteriormente. Nesse cenário, a atuação de profissionais especializados permanece indispensável para assegurar a qualidade das legendas produzidas. Assim como nas redes sociais, outro aspecto que merece a devida atenção é a crescente circulação de conteúdos audiovisuais que compõem essas redes atualmente, principalmente em conteúdos de vídeos curtos. Diante desse cenário, torna-se necessário ampliar as pesquisas sobre a adaptação dos parâmetros da LSE a esse novo contexto de consumo audiovisual, considerando as particularidades dos diversos formatos, como a curta duração dos vídeos, a dinâmica acelerada da edição e as limitações das ferramentas oferecidas pelas próprias plataformas.

Outro aspecto importante será a participação ativa das comunidades surdas no que se refere a validação desses parâmetros da LSE, considerando que os usuários constituem o público principal desse recurso. Suas experiências e percepções devem ocupar um lugar de destaque no desenvolvimento de futuras diretrizes para assegurar a acurácia e a qualidade dessas legendas. Nesse sentido, os marcos legais atualmente registrados não devem ser compreendidos como regulamentações concluídas e imutáveis, mas sim como referenciais suscetíveis a revisões. À medida que novas pesquisas forem elaboradas, a constante atualização desses parâmetros representa condição essencial para que a LSE continue cumprindo sua função social de promover o acesso equitativo à informação e à cultura.

Concluo considerando que os avanços observados ao longo das duas últimas décadas demonstram que a Legendagem para Surdos e Ensurdidos vai além da dimensão técnica da tradução audiovisual. Trata-se de um instrumento que assegura o exercício de direitos culturais, educacionais e informacionais, permitindo que pessoas surdas e com deficiência auditiva participem de maneira mais plena da vida social. Sob essa perspectiva, investir no aprimoramento da LSE significa fortalecer políticas de acessibilidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, na qual o acesso à comunicação e à cultura seja efetivamente garantido a todos.

5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

Por tratar-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, este estudo não teve como finalidade validar empiricamente os parâmetros discutidos nem produzir novos protocolos de elaboração da LSE. As análises fundamentaram-se na produção científica já consolidada, privilegiando a interpretação crítica dos resultados apresentados pelos autores selecionados. Dessa forma, não foi possível verificar empírica ou experimentalmente a aplicabilidade dos parâmetros em diferentes contextos de produção audiovisual ou confrontar os resultados encontrados com dados obtidos em novas investigações de recepção.

Outra limitação refere-se ao recorte do corpus bibliográfico. A pesquisa concentrou-se em obras consideradas pioneiras e de reconhecida relevância para a consolidação da Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) no Brasil, selecionadas com base em critérios bibliométricos, como o número de citações, a recorrência na literatura especializada e seu impacto no desenvolvimento da área. Em razão desses critérios, o corpus reuniu, predominantemente, estudos de Vera Santiago Araújo e de pesquisadores vinculados ao seu grupo de pesquisa, responsáveis por grande parte da produção científica nacional sobre o tema. Embora essa delimitação tenha possibilitado acompanhar de forma consistente a evolução histórica dos estudos brasileiros e analisar as principais contribuições para a consolidação da LSE, ela restringe o escopo da investigação, uma vez que outras pesquisas desenvolvidas por diferentes grupos nacionais e internacionais não foram contempladas, impossibilitando uma análise exaustiva da produção científica sobre o tema.

Essas limitações, contudo, não comprometem os resultados obtidos. Pelo contrário, evidenciam que a LSE constitui um campo de investigação em constante expansão, no qual diferentes parâmetros técnicos, linguísticos e cognitivos permanecem abertos a novas pesquisas. Assim, este trabalho pretende contribuir para o fortalecimento das discussões sobre acessibilidade audiovisual, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de estudos futuros que ampliem a análise de outros parâmetros da LSE, incorporem diferentes referenciais teóricos e desenvolvam investigações empíricas capazes de aprofundar o conhecimento sobre a recepção da legendagem acessível em distintos perfis de usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. S.; SACRAMENTO, C. Leis e panorama da acessibilidade web no Brasil. In: Curso Acessibilidade e Princípios do SUS: Módulo 3 – **Acessibilidade: barreiras e soluções**. Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT, 2019.

ARAÚJO, V. S. **O processo de legendagem no Brasil**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002.

ARAÚJO, V. S.; NASCIMENTO, A. K. P. do. **Investigando parâmetros de legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil**. Fortaleza, 2011.

ARAÚJO, V. S.; VIEIRA, P. A.; MONTEIRO, S. M. M. **Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): um estudo de recepção com surdos da Região Sudeste**. Fortaleza, 2013.

DE LINDE, Z.; KAY, N. **The semiotics of subtitling**. 1. ed. London: Routledge, 1999.

FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. S. **Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV)**. Tradução em Revista, 2011.

JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y accesibilidad**: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual. Frankfurt: Peter Lang, 2007.

KARAMITROGLOU, F. **A proposed set of subtitling standards in Europe**. Translation Journal, 1998.

NASCIMENTO, A. K. P. do. **As onomatopeias na legendagem para surdos e ensurdecidos do filme *Astérix et Obélix: Mission Cléopâtre***. Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, 2016.

NASCIMENTO, A. K. P. do. **Traduzindo sons em palavras nas legendas para surdos e ensurdecidos**: uma abordagem com Linguística de Corpus. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; FERREIRA, A. S.; ARAÚJO, V. S. **Guia de produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura, 2015.

PIMENTEL NETO, A. H.; NASCIMENTO, A. K. P. do. **Proposta de LSE para o curta-metragem *Não abra jamais***. Transversal – Revista em Tradução, 2019.

REID, H. **Literature on the screen**: subtitle translation for public broadcasting. In: BART, W.; D'HAEN, T. (org.). Something understood: studies in Anglo-Dutch literary translation. Amsterdam: Rodopi, 1990.

SCHOTTER, E. R.; RAYNER, K. **Eye movements in reading**: implications for reading subtitles. In: PEREGO, E. (org.). Eye-tracking in audiovisual translation. Roma: Aracne, 2012.

VIEIRA, P. A.; ARAÚJO, V. S. **A influência da segmentação linguística na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) em documentários televisivos**. Fortaleza, 2017.

VIEIRA, P. A.; TEIXEIRA, E. N.; CHAVES, E. G. **Caminhos do olhar**: a movimentação ocular de espectadores surdos durante a exibição de vídeos legendados. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, 2017.